

Porque hoje é sábado

1970

Luis Gonzaga VIEIRA
(livros)

Iugoslavos na Pampulha

Jésus ROCHA
(discos)

Carlos ESTEVÃO e a sorte

Ronaldo BRANDÃO
(filmes)

— CONCURSO DE CONTOS DO PARANÁ — Candidatos que provavelmente concorreram ao III Concurso Nacional de Contos do Paraná: Fernando Sabino, J. Varga, Carlos Linspector, Luis Vilela, João Antonio e outros. Nenhum deles ganhou o primeiro prêmio. Carlos Linspector, uma das maiores escritoras brasileiras, ganhou apenas cinco mil cruz-las na categoria especial, uma espécie de prêmio de consolidação. Como queria Machado de Assis: ao vencedor, as batatas! E como aconteceu, vai Carlos Drummond de Andrade: o pior, que pode acontecer num concurso literário, é a gente ganhar o prêmio!

— TARDE DA NOITE (Luis Vilela) — Este é o terceiro livro de contos do jovem escritor mineiro, que deverá sair por estes dias, em São Paulo. Luis Vilela terminou também o seu primeiro romance, que poderá ser editado pela Editora Sábios.

— CONTOS DE AGORA (Manoel Lobato) — Último livro do autor que já publicou também, pela Imprensa Oficial, o excelente romance "A Mentira dos Limpós". Manoel Lobato não é ainda suficientemente conhecido, mas deveria ser lido por todos os que se interessam pela boa literatura.

— PEDRO PARAMO (Juan Rulfo) — Mais um dos grandes nomes da literatura hispano-americana. Juan Rulfo é mexicano e seu romance é pequeno (pequeno e poucas páginas), mas com uma densidade impressionante. O livro é como um minúsculo átomo que explode, vai crescendo de intensidade na medida em que vamos lendo. E, quando terminamos de ler, aí então toda a problemática do autor surge como uma avalanche. Leitura obrigatória.

— IDEU BRANDÃO — Nomeado para Secretário do Suplemento Literário do Minas Gerais, onde já está exercendo suas novas funções, o escritor Ideu Brandão já publicou um livro de contos pela Imprensa Oficial, "Um Miopo no Zoo", que pode ser lido sem nenhum escrúpulo. O autor é bom. Leia e confirme.



Depois de passar um mês no Museu de Arte Moderna do Rio, as obras da Iugoslávia, na Bienal Paulista do ano passado, são apresentadas agora em BH — no Museu de Arte da Pampulha. A abertura da mostra foi ontem, às 20h30m, com a presença do primeiro secretário da Embaixada daquele país, Ivan Kojic. A exposição reúne trabalhos dos escultores Vojin Bakic e Drago Trzar; dos pintores Stojan Celic e Ordan Patkivski; do gravador Halil Tikvessa; e quadros-objetos de Toma Sijakovic Sijak. São, ao todo, 53 obras, que mostram algumas das múltiplas faces da excelente arte da Iugoslávia, país que por várias vezes já foi premiado na Bienal de São Paulo, através de artistas excepcionais como a tapeçaria de vanguarda Jagoda Butc. A arte gráfica alcançou alto nível na Iugoslávia, como bem demonstra Tikvessa. Ele apresenta 12 gravuras em metal, cheias de uma poesia que nasce da comunhão do homem com a natureza.

— Logo que Gilberto Gil apareceu — na sua fase tropicalista — ele citou publicamente, como fonte de influência do movimento baiano — um nome que, até então, nada significava no Brasil. Citou como quem cita um deus desconhecido, Eric Jimmi Hendrix: irmão, cabeludo, guitarrista, compositor, inglês. Acima de tudo, um descobridor de sons, efeitos e ritmos. Seu LP "The Jimmi Hendrix Experience" (Polydor) continua aí de prova, no preço. O conjunto do LP é composto de três elementos — Hendrix e mais dois. Tem horas que eles parecem uma multidão enfurecida, em cima de seus instrumentos entouquecidos. As batatas do LP são de autoria de J. Hendrix. Todas excelentes. Em nossa opinião, "Manic Depression" tem algo mais, com o destaque desesperado e belo da guitarra de Hendrix.

— "Cinara" — pronta pra consumo — é o LP que a ex-integrante do Quarteto em Cy (hoje independente e "maíser de Ruy, do MPB-4) tem na praca. Muitas jaitas importantes. "Pois é pra que", de Sidney Miller, em andamento mais rápido, perde um pouco do impacto original, lento, mas com convence. Uma jaita antiga — "Nosso Romance", de J. Guscatia e Leonel Azevedo (sucesso antigo de Orland Silveira), "Umás e outras", de Chico, "Oração do Astronauta", de Ruy, Cygnara e Sidney Miller. E outras.

— E para quem gosta de Maria Bethânia, seu LP gravado ao vivo, com "Nada Além", "Trene". "Os argonautas", "Fóforo queimado" e outras coisas bonitas. Maria Bethânia é a mesma — sem a fúria do "carcará" do início, mais jossente, mas, no fundo, a mesma. Seria auto-hidicidade, personalidade ou displicência e jaita de caminho?



Wilson SIMÃO
(música)

Mari Stella TRISTÃO
(exposições)

A atração de hoje é em Ouro Preto: às 20h30m, concerto inaugural do Festival de Inverno, com os corais Ars Nova Jilka Pardini, Orquestra Sinfônica da UFMG — com regência de Carlos Alberto Pinto Fonseca. — Apresentação da Missa "Lord Nelson", de Haydn, com a participação da soprano Maria Eugênia Meireles, solista.

Amanhã, ainda no Festival, concerto do Trio da Bahia — piano, violino e violoncelo; tetracelista, apresentação da Die de Piano e Flauta, com Pierre Kliese e Jean-Noel Saghari; quinta-feira, recital de baixo com Amin Feres; e sábado, dia 11 apresentação do Madrigal Renascentista.

E também hoje, às 20h30m — para quem não vai a Ouro Preto — um bom endereço é o Teatro Marília: concerto extra da Cultura Artística, com Rolf Golewski, "ballet" — recital de danças criativas. No programa, peças sobre temas de Vivaldi, Bach, Mozart, Mendelssohn-Bartolhy, Bhattacharya. Ingressos: Cr\$ 10,00 para não-sócios e Cr\$ 5,00 para sócios; e Cr\$ 2,50 para estudantes.

O fim-de-semana está cheio de arte. De segunda até ontem, foram inauguradas nada menos de seis exposições. Vejam: no Del Rey (Salão Azul), Maria Augusta; José Márcio Brandão, com desenhos no "Chez Bastião"; Maria Helena André, também no Del Rey, no Salão de Estar, minis, midis e maxis, quadros de sua excelente pintura; no Banco da Lavoura (Agência Parque), mostra de três jovens: Marília e Ivana André e Waldyr Caetano, de Divinópolis. Ontem, Ivone Etrusco teve "vernissage" no ICBEU, completando o "rush" da semana.

Na Galeria Gulgnard, (continuam) as pinturas de Roberto Gil e o acervo. No Palácio das Artes, última semana de Marcelo Grassmann e na AMI também última semana de Lothar Charoux. O Museu abriu, também ontem, nova mostra, com os artistas iugoslavos que estiveram na última Bienal de São Paulo. E na Retórica, os trabalhos reunidos pelo Laboratório de Estática, do Prof. Ladeira.

A Metro que oferece os melhores programas do dia, escolheu o filme entre o musical de Candária e o satirizado Blow Up, da Imprensa Oficial. Como são duas reprises, ninguém vai poder falar em uma recuperação da companhia, que atualmente só é rica em estoque.

"Seis Noivas Para Seis Irmãos", feito, na fase dos grandes musicais, e o filme para quem busca diversão ou vai ao cinema com a intenção, inclusive o rapto das Sabinas da Roma Antiga, situado no tempo em que os americanos ainda tinham mocinhos. E isso, uma catartada de danças, câncos, brigas, carroças e alegrias, e ninguém deve estranhar a ingenuidade das situações, o baton das atrizes que hoje pode parecer muito forte, as montanhas de papéis pintado "Seis Noivas Para Seis Irmãos" foi feito quando muitos de nós eramos ainda crianças. Saboreo.

Já "Blow Up" continua sendo, quatro anos depois, do exibido pela primeira vez o mesmo espetáculo frio e calculado de Antonioni, uma reportagem da Londres dos Beatles, o mundo da fotografia e dos minicenas e uma estória de crime sem polícia. A emoção que Michéla gelo Antonioni propõe é de ordem puramente intelectual. O assunto, de Cortázar, escritor que Antonioni fez primeiro que a gente. A atriz, Vanessa Redgrave, a melhor entre todas reveladas (fabricadas) ultimamente, ou no nível de Mia Farrow para sermos mais exatos. E o filme, infeliz, perfeito, eternamente à Antonioni e pronto. São os dois filmes do hoje, o resto é laranjada e auto do último momento.

MARIA BETHÂNIA e ÍTALO ROSSI

BRASILEIRO, PROFESSÃO: ESPERANÇA

TEATRO FRANCISCO NUNES - ingressos já à venda - Somente de 7 a 12 de julho

Direção de BIBI FERREIRA

Música: TERRA TRIO

